

# A ocupação da terra na formação do município de Ourinhos-SP

ARAÚJO, Débora Fernandes de<sup>1</sup>  
CUNHA, Profa. Dra. Fabiana Lopes da<sup>2</sup>

## Resumo

A pesquisa busca, através de um diálogo entre a História e a Geografia, compreender o processo histórico de formação do município de Ourinhos a partir da análise de como se deu a ocupação da região do Vale do Paranapanema (especificamente a região do Oeste Paulista) através das Frentes de Expansão e Pioneira. Pretendemos em nossa análise resgatar os principais elementos desta conjuntura histórica que contribuíram para a formação do município: com destaque para a atuação dos posseiros, pioneiros e fazendeiros. Desta maneira, trabalharemos aqui os aspectos concernentes à posse da terra no Oeste Paulista em seus diferentes matizes e reflexos, relacionando-os à cultura itinerante do café e a expansão

---

1 Graduada em Geografia pela UNESP, Campus Experimental de Ourinhos. O artigo é fruto de pesquisa de iniciação científica financiada pela FAPESP. [deboraferrandes11@yahoo.com.br](mailto:deboraferrandes11@yahoo.com.br)

2 Professora de História Social e Política e Sociologia da UNESP - Campus Experimental de Ourinhos. Foi orientadora do projeto de iniciação científica. O tema do artigo tem sido alvo de pesquisa por parte da docente e de outros orientandos que atualmente desenvolvem trabalhos na área de memória, patrimônio e história. [fabiana@ourinhos.unesp.br](mailto:fabiana@ourinhos.unesp.br)

da ferrovia. Este estudo, cujo tema faz parte de um projeto mais ambicioso e de cunho coletivo - ***Nos Trilhos da Memória e a Memória dos Trilhos***: A Expansão e Revitalização do Museu Histórico de Ourinhos - aprovado através do edital FAPESP/VITAE (nº. Processo 2006/57425-0), é de suma importância para a compreensão da ocupação da terra e da formação do município em questão.

**PALAVRAS-CHAVES:** História; Café; Ourinhos

## Abstract

This Project searches, through a dialogue between the History and Geography sciences, to understand the history of the Ourinhos municipality formation process since the analysis of how the occupation in the Paranapanema's Valley region came about (especially the west area in São Paulo's state) through the Frontiers of Expansion and Pioneering. We intend in our analysis to salvage the main elements of this historical conjecture that contributed to the municipality formation: with prominence to the performance of *posseiros*, pioneers and the farmers. This way we will work on the project the concerned aspects to the lands possession in São Paulo's west on its different shades and reflections, relationing its to the group of people who were important for the culture of coffee and the expansion of the railroad. This study, whose theme is part of a project more ambitious with public nature – ***Nos trilhos da memória e na memória dos trilhos*** (At the memory tracks and at the tracks of the memory): The expansion and the new structure of the Historical Museum of Ourinhos – approved through the proclamation FAPESP/VITAE (Case nº 2006/57425-0), corresponds to a very important form of understanding the lands occupation and the formation of the municipality of Ourinhos.

**KEYWORDS:** History; Coffee; Ourinhos.

## 1. Introdução

A presente pesquisa nasceu da inquietação de tentarmos entender como se deu o processo de formação de Ourinhos, pois, a história era contada a partir da chegada da ferrovia no início do século XX quando o fundador da cidade, o senhor Jacintho Ferreira de Sá, devido a uma série de artimanhas políticas consegue fazer com que o projeto do prolongamento dos trilhos da Sorocabana passe a privilegiar a propriedade que havia recém adquirido de D. Escolástica Melchert

da Fonseca. Estas terras que ainda pertenciam ao território de Salto Grande, com a chegada dos trilhos sofrem uma série de transformações que vão propiciar o crescimento da pequena vila que ganharia autonomia política em 1918, sendo elevada a categoria de município, e recebendo o nome de Ourinhos.

Apesar de compreendermos que os trilhos da ferrovia muito contribuíram para o nascimento oficial desta cidade, percebemos que faltavam mais informações a respeito da história do surgimento de Ourinhos que fossem anteriores à chegada da ferrovia, o que nos instigou a procurar documentos e livros que pudessem esclarecer o assunto.

Desta maneira, passamos a trilhar este caminho tentando encontrar respostas sobre como se deu o processo de ocupação destas terras a partir da implementação da Lei de Terras em 1850 e, principalmente, como toda uma teia de relações políticas, econômicas, culturais e sociais que perpassaram durante este período contribuiriam para o surgimento de Ourinhos.

Neste contexto, percebemos também a importância de refletirmos sobre os interesses que levaram num primeiro momento, a família de D. Escolástica Fonseca e, posteriormente, o Sr. Jacintho Sá, a adquirirem as terras que dariam origem ao município. Percebemos o quanto esta análise será importante para que possamos recontar a história de Ourinhos.

D. Escolástica era uma rica fazendeira paulista pertencente a uma família tradicional do estado de São Paulo, e seu marido adquiriu esta propriedade, parte da Fazenda de Furnas, no início do século com o intuito de reservar estas terras para uma futura expansão do café na região. Tais fatos nos fizeram entender, como seria importante a compreensão de como a cultura do café, devido às suas peculiaridades naturais e geográficas, tinha a necessidade de incorporar novos espaços, o que acabaria estimulando a abertura de fronteiras pioneiras no interior do estado de São Paulo. Esta história tem continuidade quando D. Escolástica vende estas terras para Jacintho que as compra sabendo de sua possível valorização, com a chegada da ferrovia na região.

A análise da bibliografia sobre este pioneiro nos fez entender que o histórico de sua família e de como chegou à região estaria intimamente relacionado aos processos que levariam vários de seus conterrâneos a migrarem para Oeste Paulista em busca de melhores condições de vida, após a implementação da Lei de 1850. Dentro deste contexto, buscamos pensar a formação do município, partindo do pressuposto, segundo Ana Fani de que “a cidade é uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas”<sup>3</sup>.

---

3 CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8a. ed., Contexto: SP, 2005: 57.

Isto posto, buscamos aqui desvendar estes elementos históricos e geográficos que configuraram a transformação da região conhecida na época como “sertão desconhecido” em uma área indispensável para a expansão do café, já que esta cultura esgota o solo em poucos anos, e por conta disso, o deslocamento e cultivo de áreas a oeste do estado de São Paulo eram imprescindíveis.<sup>4</sup> Foi dentro desta lógica que se formaram vários núcleos urbanos, inclusive Ourinhos.

Para a fundamentação desta pesquisa foi realizado um amplo levantamento documental em várias instituições, principalmente em cartórios de registros de imóveis e títulos da cidade de Ourinhos e Santa Cruz do Rio Pardo. Os documentos conseguidos nestes locais evidenciam em parte, como ocorreu a ocupação da terra em um período anterior e posterior à formação do município. Também fizemos um levantamento documental no acervo do CEDAP/Assis, e consultamos os que se relacionavam com questões que tratavam da ocupação da terra e da expulsão dos indígenas na região.

A procura e análise destes documentos foi um elemento norteador em todas as fases desta pesquisa. Partimos em busca destes documentos, e assim como os pioneiros, fomos procurando vestígios de uma história que poderia estar distribuída de forma dispersa nas memórias das famílias, nos cantos empoeirados de baús, dos cartórios ou ainda em uma das salas do museu da cidade.

Esta busca se tornou ainda mais relevante porque ela não apenas auxiliou nossa pesquisa, mas também porque ela poderá contribuir com documentos para aumentar o acervo do Centro de Documentação da UNESP-Ourinhos, ainda em fase de construção. Estes documentos, por meio do Centro de Documentação, serão compartilhados para todos aqueles que tenham interesse em obter acesso a estas preciosas informações, principalmente para os pesquisadores que desejem trilhar por este caminho, pois encontrarão tais documentos já organizados, a partir dos esforços somados para a produção desta pesquisa. Infelizmente, nós não tivemos a mesma sorte que terão os pesquisadores futuros sobre a história da região, pois encontramos muita dificuldade em obter documentos que nos auxiliassem a entender a história do município. Como por exemplo, a pesquisa nos arquivos do cartório de Santa Cruz do Rio Pardo tem nos atrasado e impedido de chegar a algumas conclusões vitais para esta pesquisa, isto porque os documentos que são imprescindíveis para que possamos entender como se deu o processo de apropriação das terras que deram origem ao município estão ali guardados, mas, em virtude do afastamento do responsável do cartório, por problemas de saúde, não fomos autorizados a ter acesso a referida documentação durante o desenvolvimento da pesquisa. Por outro lado, em relação ao cartório de Ourinhos, tivemos o acesso facilitado, fato que nos possibilitou fazer um levantamento criterioso

---

4 HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café*. RJ: Paz e Terra, 1984.

dos imóveis registrados no cartório do município nos primeiros anos de sua formação. Tais documentos são preciosidades que serão bem exploradas tanto na nossa pesquisa quanto em outros estudos que desejem dar continuidade a este caminho que vem sendo percorrido pelas presentes pesquisadoras.

Desta maneira, procuramos analisar neste trabalho o desenvolvimento histórico da região do Oeste paulista tendo como foco inicial a compreensão do processo de ocupação do Vale do Paranapanema dando ênfase para as formas de acesso e de utilização dessas terras durante a conjuntura histórica do século XIX e início do século XX.

## 2. Objetivos

Este trabalho tem como objetivo a compreensão do processo de formação do município de Ourinhos dentro do contexto de expansão cafeeira no Estado de São Paulo. Além disso, procuramos também compreender as formas de apropriação deste espaço em diferentes momentos históricos. Também procuramos com este trabalho buscar fontes documentais que viabilizem a compreensão deste processo, tanto na própria cidade quanto em instituições situadas em outros municípios. Tais documentos serão disponibilizados à sociedade por meio do Centro De Documentação e Memória da UNESP/ Ourinhos.

## 3. Fundamentação teórica

Para que pudéssemos compreender as formas de ocupação e exploração econômica desta região em diferentes momentos históricos optamos por utilizar as definições de Frente de Expansão e Pioneira a partir da perspectiva teórica de José de Souza Martins.

Como **Frente de Expansão**, entendemos o momento em que “ainda participantes (posseiros) dedicavam-se à própria subsistência e secundariamente à troca [...] foi esse tipo de economia que prevaleceu [...] em regiões como o Oeste de São Paulo [...]”.<sup>5</sup> . Ou seja, segundo Martins<sup>6</sup>, apesar da implementação da Lei de

---

5 MARTINS, José de Souza. Apud PENÇO, Célia de Carvalho Ferreira. A “*Evaporação das Terras Devolutas*” No Vale do Paranapanema. Tese de doutoramento, FFLCH, USP, SP, 1980: 11.

6 MARTINS, José de Souza. Sociologia da frente pioneira. Revista Mexicana de Sociologia, Vol.35, nº 4(Oct.-Dec.,1973), p. 767-768.

Terras, a posse privada das terras comuns ainda persistirá e esse tipo de posse se combina com uma economia a base de trocas e, portanto, ainda não pelas regras capitalistas. Para ele, ainda prevalece nestas áreas o “grau de fartura” e não o de riqueza. Além disso, “o empreendimento capitalista se situa “fora” do componente da estrutura social da frente de expansão e absorve a renda potencialmente gerada na terra”<sup>7</sup>. Desta forma, “as tensões que marcam a frente de expansão são tensões entre a sociedade capitalista que se faz presente na fronteira econômica e a sociedade tribal à qual se disputa, mediante o empenho dos que estão situados na Frente de Expansão, a terra necessária à preservação desta frente”.<sup>8</sup> Segundo Lima<sup>9</sup> e Niminon<sup>10</sup>, tais conflitos tornaram-se tão agudos que foram organizadas expedições com o intuito de exterminar as diversas tribos indígenas que habitavam a região.

Conforme apontam os estudos de Pierre Monbeig<sup>11</sup>, Célia Penço<sup>12</sup>, Amador Nogueira Cobra<sup>13</sup>, durante esta frente de ocupação, veremos que a grande disponibilidade de terras que foram declaradas como devolutas pelo estado contribuiu para a chegada de muitos aventureiros à região, homens desprovidos de propriedade que desejavam prosperar nas terras do sertão paulista. Neste contexto, grande parte destas terras que eram desejadas por estes aventureiros pertenciam ao território de diversas tribos indígenas, no entanto, muitas vezes este direito foi negligenciado pelas autoridades competentes, a começar pelo fato de que estas terras foram declaradas como devolutas pelo estado. Tal fato, somado à forma como o estado permitiu que estes homens pobres- muitos deles dispostos a lutar contra a população nativa pela posse da terra, atendendo assim aos interesses da sociedade da época, que repudiava a presença indígena- fossem considerados os donos legais de extensas propriedades na região do Vale do Paranapanema, permitiu uma série de irregularidades com relação à posse da terra na região, que de certa forma, tem conseqüências até os dias atuais.

---

7 Idem, p.768.

8 Idem, p.768

9 LIMA, João Francisco Tidei. *A Ocupação da Terra e a Destruição dos índios na Região de Bauru*. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, 1978.

10 PINHEIRO, Niminon Suzel. *Etnohistória Kaingang e seu contexto: São Paulo, 1850-1912*. Dissertação de Mestrado, FCL, UNESP/Assis, 1992.

11 MOMBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. SP: Hucitec, 1984

12 PENÇO, Célia de Carvalho Ferreira. *A “Evaporação das Terras Devolutas” No Vale do Paranapanema*. Tese de doutoramento, FFLCH, USP, SP, 1980.

13 COBRA, Amador Nogueira. *Em um recanto paulista*. Tip. Hennydes. São Paulo, 1943

Com base na bibliografia mencionada, abordamos a forma como as terras devolutas foram adquiridas, em especial por José Teodoro<sup>14</sup>, que durante o processo conhecido como a marcha para o oeste deslocou-se de Minas Gerais para o interior de São Paulo tendo com intuito de se tornar proprietário de grandes extensões de terras na região do Vale do Paranapanema.

Já num segundo momento, estas terras passaram a ser valorizadas como um espaço indispensável para a expansão das atividades capitalistas, principalmente as relativas ao cultivo do café, as quais modificariam por completo o “sertão paulista”. Por conta disso faremos algumas considerações sobre a **Frente Pioneira**. Mas, antes disso, gostaríamos de ressaltar que José de Souza Martins, dentro ainda da **Frente de Expansão**, trabalha com a idéia de fronteira demográfica, tratando da forma como se deu a ocupação nestas terras quando ocorreu o encontro entre os nativos e os posseiros. Os desbravadores forçavam tribos indígenas a se internarem cada vez mais na floresta ou simplesmente a destruíam, a posse da terra se dava sem o título legal, e a lei geralmente dependia da vontade e beneplácito de algum poderoso, proprietário de fato da terra.<sup>15</sup>

Deste modo, a partir da ocupação deste espaço sobre as diretrizes da fronteira demográfica, foram criadas as condições históricas para que outro tipo de fronteira se estabelecesse na região: a fronteira pioneira. Esta foi promovida devido a peculiaridades da cultura do café que possibilitou que esta se expandisse pelas terras do Oeste Paulista incorporando novos espaços que dariam suporte para o seu pleno desenvolvimento<sup>16</sup>.

Neste momento, durante a Frente Pioneira, a expansão desta cultura itinerante, o café, contribui para transformar por completo esta região dentro ainda dos pressupostos da expansão e ampliação do espaço mercantil.

Como **Frente Pioneira**, entendemos uma ocupação que “se instaura como empreendimento econômico: empresas imobiliárias, ferroviárias, comerciais, bancárias, etc, loteiam terras, transportam mercadorias, compram e vendem, financiam a produção e o comércio. Passa-se assim da produção do excedente para a produção de mercadorias.”<sup>17</sup> Ainda segundo Martins, o principal elemento da Frente Pioneira é a propriedade privada da terra, ou seja, esta não será ocupada

---

14 Apesar de uma série de irregularidades Teodoro foi considerado o primeiro dono legal de uma extensa gleba de terras na região.

15 Martins., op., cit., 35.

16 Love.,op.,cit.,p.20.

17 MARTINS, José de Souza. Apud PENÇO., op., cit., p. 11.

mas sim comprada.<sup>18</sup>A “terra passa a ser o equivalente em capital e é através da mercadoria que o sujeito trava suas relações sociais. Essas relações não se esgotam mais no âmbito do contato pessoal”<sup>19</sup>. É neste momento, para Lima que ocorre a consolidação da incorporação deste território ao sistema capitalista<sup>20</sup>.

Conseqüentemente, para Martins a **Frente de Expansão** equivale à conjuntura histórica mais ampla na qual o contato interétnico possibilitou que a sociedade nacional expandisse, enquanto formação capitalista, incorporando áreas que eram de domínios das sociedades indígenas. Em contrapartida, a **Frente de Pioneira** é móvel, caracterizada pelo fato de que nela “o capitalismo perde seu caráter “exterior” passa a permear as relações sociais e a cultura. Ou seja, na “frente de pioneira” o capitalismo exprime-se como articulador interno da sociedade”.<sup>21</sup>

Desta maneira, acreditamos que a compreensão destas duas definições de ocupação da terra, Frente de Expansão e Frente Pioneira, são muito importantes para que possamos entender melhor o processo histórico de formação do município de Ourinhos.

Assim, se a cidade surge dentro deste último contexto, ou seja, na Frente Pioneira, a ocupação sistemática de suas terras ocorreu num momento anterior, durante a corrida pela obtenção das terras devolutas, liderada por José Teodoro de Souza, e com a expulsão dos indígenas.

## 4. Metodologia

Para que o referido projeto pudesse atingir seus objetivos, o de entender a formação histórica do município de Ourinhos principiamos nossa pesquisa embasando-a através de fundamentação teórica e histórica da temática, em conjunto com uma busca incessante por fontes e documentos cartoriais que nos auxiliassem a entender este processo histórico.

Desta maneira, buscamos ampliar e aprofundar as leituras relacionadas ao projeto dando ênfase para a bibliografia sobre a ocupação do Vale do Parapanema, à expansão do café e da ferrovia, bem como, o que já foi produzido sobre a história do município.

---

18 Martins.,op.,cit.,p.768.

19 Idem.,op.,cit.,p.768

20 Lima,.,op.,cit.,p.54.

21 Marins.,op.,cit.,p.770-771.



A compreensão deste processo se deu através da análise de bibliografia relacionada ao tema, de documentação cartorial e de relatórios geológicos (como os resultantes da primeira expedição de reconhecimento da região em 1886) e também de outros documentos relacionados ao café e à ferrovia.<sup>22</sup> Além disso, fizemos também a leitura e análise de documentos cartográficos e cartoriais que contrapondo com a bibliografia consultada nos auxiliou na compreensão dos fatores históricos e geográficos que durante este período contribuíram para a formação de Ourinhos destacando a importância dos pioneiros, da cultura cafeeira e da ferrovia.

Em especial destacamos a análise dos estudos produzidos por José de Souza Martins<sup>23</sup>, Pierre Monbeig<sup>24</sup>, Célia Penço<sup>25</sup>, Thomas H. Holloway<sup>26</sup>, Joseph Love<sup>27</sup>, Ana Maria Martinez Correia<sup>28</sup>, João Francisco Tidei<sup>29</sup>, Niminon Pinheiro<sup>30</sup>, Amador Nogueira Cobra<sup>31</sup> e Teodoro Sampaio<sup>32</sup>. Em conjunto, com os estudos produzidos sobre o município pelos autores Jefferson Del Rios<sup>33</sup>,

---

22 “Terras e Colonização”. CEDAP/Unesp-Assis

23 MARTINS, Jose de Souza. *O Cativo da Terra*. 8.ed.São Paulo:Hucitec, 2004.

24 MOMBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. SP: Hucitec, 1984.

25 PENÇO, Célia de Carvalho Ferreira. *A “Evaporação das Terras Devolutas” No Vale do Paranapanema*. Tese de doutoramento, FFLCH, USP, SP, 1980.

26 HOLLOWAY,Thomas H. *Imigrantes para o café*.RJ:Paz e Terra, 1984.

27 LOVE, Joseph. *A Locomotiva: São Paulo na federação brasileira 1889-1937*. RJ: Paz e Terra,1982.

28 CORREIA, Anna Maria Martinez. *Poder local e representatividade político-partidária no Vale do Paranapanema(1920-1930)*. Tese de Livre Docência, Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis, UNESP, 1988.

29 LIMA, João Francisco Tidei. *A Ocupação da Terra e a Destruição dos índios na Região de Bauru*. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, 1978

30 PINHEIRO, Niminon Suzel. *Etnohistória Kaingang e seu contexto: São Paulo, 1850-1912*. Dissertação de Mestrado, FCL, UNESP/Assis, 1992

31 COBRA, Amador Nogueira. *Em um recanto paulista*.Tip. Hennyges. São Paulo, 1943

32 SAMPAIO, Theodoro F. *Exploração dos Rios Itapetininga e Paranapanema*. RJ: Imprensa Nacional, 1889.

33 RIOS, Jefferson Del.*Ourinhos: memória de uma cidade paulista*: Prefeitura Municipal de Ourinhos,1991.

Fernanda Saraiva & Rosemary Romero<sup>34</sup>, Roberto Carlos Massei<sup>35</sup> e Oscar D' Ambrósio<sup>36</sup>.

Para a fundamentação teórica e metodológica do projeto buscamos respaldo da bibliografia de apoio pautado nos trabalhos de Carlo Ginzburg<sup>37</sup>, pois, este autor introduziu uma nova maneira de fazer história, através de uma abordagem que privilegia os fenômenos aparentemente marginais nas zonas de clivagem, as estruturas arcaicas, os conflitos socioculturais por meio de uma abordagem que procede a partir de uma micro-análise de casos bem delimitados, mas que acabam por revelar problemas de ordem mais geral, que permite uma leitura apurada de vários fenômenos em determinados períodos. A micro-história, desta forma, possibilitaria a análise mais ampla do contexto social, político, econômico, ideológico e cultural da história da ocupação da terra no Brasil. Ou seja, dentro de nossa pesquisa, focamos a análise em três “personagens” da história do município: José Teodoro de Souza, Escolástica Melchert da Fonseca e Jacintho Ferreira e Sá. Eles serão importantes e emblemáticos em três momentos diferentes, mas todos eles imprescindíveis para compreendermos não apenas a ocupação das terras que dariam origem a Ourinhos, mas também sobre como seu deus esta “conquista” de terras no Oeste Paulista e como esta denota a forma como a questão da propriedade da terra é tratada em nosso país, e os problemas decorrentes desse processo.

Tendo como elemento norteador a forma como o autor foi interconectando as fontes e recontando os fatos dando as diretrizes mais gerais de um determinado período uma vez que, este projeto trata-se de um estudo que micro-história o que obriga muitas vezes o pesquisador muitas vezes busca em outros espaços, em diferentes instituições que abrigam documentos preciosos sobre a temática regional e que ao mesmo tempo nos possibilitam entender o próprio processo de formação de Ourinhos. Em virtude disso, optamos por realizar um amplo levantamento documental a principio no próprio município e depois em outras instituições situadas nas regiões que poderiam abrigar vestígios desta história.

---

34 SARAIVA, Fernanda Romero & MORAES, Rosemary Reginato de. *Um espaço para lembrar de Ourinhos*. Prefeitura Municipal de Ourinhos: Ourinhos, 2004.

35 MASSEI, Roberto Carlos. *As inovações tecnológicas e o ocaso dos oleiros. A mecanização das olarias em Ourinhos - 1950 - 1990*. Ourinhos 01/10/2001. Dissertação de Mestrado. PUC/SP/História. 01/10/2001

36 D'AMBRÓSIO, Oscar.(org).*Ourinhos: um século de História*. SP: Noovha América, 2004. (série conto, canto e encanto com a minha história)

37 GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: O cotidiano das idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. SP. Companhia das Letras, 2006.

Essa etapa da pesquisa ocorreu em conjunto com a realização de inúmeros trabalhos de campo para o levantamento dos documentos que irão fundamentar esta pesquisa. Estes foram realizados a princípio no próprio Museu Histórico de Ourinhos, na Prefeitura Municipal de Ourinhos, 1º Tabelião de Notas e de Protestos de Letras e Títulos de Ourinhos, 2º Tabelião de Notas e de Protestos de Letras e Títulos de Ourinhos, Cartório de Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Ourinhos-SP, Instituto Geográfico e Cartográfico e no Centro de Apoio a Pesquisa – CEDAP, na UNESP/Assis. Nesta última instituição, durante três meses, foi feito o levantamento e a leitura de microfimes. Tal atividade demandou muito tempo e dedicação, pois, os documentos estão dispostos de forma aleatória nos rolos de microfimes e, cada microfilme contém em torno de quinhentos documentos. Foram lidos todos os documentos para que fosse possível selecionar os que poderiam ser interessantes para a pesquisa. No total foram lidos cerca de dois mil documentos, entre os quais pudemos apreciar vários relatórios que foram interessantes para a nossa pesquisa dentre eles os que foram apresentados à Assembléia Provincial de São Paulo, Relatórios da Província de São Paulo, Ofícios diversos sobre os índios, relatórios sobre a expedição geológica realizada em 1886, entre outros.

Outra pesquisa, extremamente importante foi a realizada no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Ourinhos. Percebendo a preciosidade de tais informações contidas nos livros desta instituição referente ao processo inicial da ocupação do município e da região, realizeimos um rigoroso levantamento documental transcrevendo de forma integral as transmissões referentes aos imóveis da cidade no período de 1923 a 1926. A partir destas informações pudemos organizar tabelas anuais com estes documentos. Tais documentos em conjunto com outras fontes, como a de memorialistas e as citadas acima, possibilitaram-nos compreender melhor como se deu a ocupação das terras em Ourinhos.

## **5. Resultados e discussões**

A implantação da Lei de Terras em 1850 trouxe grandes impactos para a sociedade, não de imediato, porém, a regulamentação acabaria modificando por completo a forma de acesso a terra substituindo o sistema de propriedade hereditário das sesmarias pela propriedade privada adquirida através de relações de mercado. Isto porque, no início da colonização, a terra era vista como patrimônio pessoal do rei, que doava parte delas a pessoa que ele escolhia devido ao seu status social, às qualidades pessoais e aos serviços prestados à Coroa por parte

do interessado em obter parte deste patrimônio.<sup>38</sup> Com a instauração da Lei de Terras este cenário foi modificado, pois, esta lei dividiu as terras em particulares e devolutas atendendo, segundo Penço<sup>39</sup>, aos pressupostos estabelecidos desde os debates de 1842. O artigo 1º. da *Lei de Terras* afirmava que ficavam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não fosse o de compra.<sup>40</sup> Neste contexto, a maioria das terras paulistas foi enquadrada como devolutas, ou seja, em plena disponibilidade para serem negociadas, ignorando assim por completo o direito assegurado aos primeiros ocupantes da região, os índios<sup>41</sup>, especificamente os Caingangues e Otis. Em relação a esta questão havia apenas uma pequena ressalva no artigo 16 desta lei na qual cabia ao governo disponibilizar as terras devolutas que julgasse necessárias para a colonização indígena.<sup>42</sup> Por outro lado, o artigo 5 desta Lei abria um grande leque de possibilidades de fraudes e irregularidades, pois reconhecia o direito de quem “já possuísse terras, havidas por posses mansa e pacíficas, e [que] tivesse iniciado alguma cultura, deveria mandar medi-las e registrá-las nas respectivas paróquias num prazo de quatro anos”.<sup>43</sup> Este prazo, segundo, Emília Viotti, possibilitou que as posses resultantes de ocupação aumentassem de forma incontrolável e os posseiros acumularam grandes extensões de terra cujos limites eram vagamente definidos por acidentes geográficos naturais como um rio, uma queda d’água, uma encosta. Apesar de não possuírem estatuto legal, elas eram compradas, vendidas e avaliadas à vontade<sup>44</sup>. Tais condições de legitimação de posse contidas neste artigo somadas à falta de fiscalização para o cumprimento destas exigências possibilitaram que várias

---

38 COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à Republica: Momentos Decisivos*. São Paulo, Fundação da Editora UNESP, 1999, p. 173.

39 PENÇO, Célia de Carvalho Ferreira. *A “Evaporação das Terras Devolutas” No Vale do Paranapanema*. Tese de doutoramento, FFLCH, USP, SP, 1980.

40 Penço., op.,cit., p. 8.

41 LIMA, João Francisco Tidei. *A Ocupação da Terra e a Destruição dos índios na Região de Bauru*. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, 1978:116.

42 Lima.,op.,cit.,p.68. Segundo Lima, este projeto de colonização indígena expresso neste artigo não respeitou as especificidades de cultura e as necessidades indígenas de preservação de seus territórios, pois, pretendia via de regra confiná-los em aldeamentos e estes estiveram sempre ameaçados pelos interesses da sociedade expansionista.

43 Idem.,op.,cit., p.15.

44 Viotti.,op.,cit.,p.172.

irregularidades fossem cometidas, como veremos especificamente, no caso das posses adquiridas irregularmente por José Teodoro de Souza<sup>45</sup>, durante processo conhecido como *Marcha para Oeste*<sup>46</sup>.

José Teodoro de Souza, é o típico pioneiro, aventureiro, desbravador e conquistador, na visão de Cobra, um memorialista que narra sua epopéia. Saindo de Minas Gerais, após conseguir uma vasta gleba de terras, graças a uma “brecha jurídica” da nova Lei de Terras, retorna à sua província com o objetivo de recrutar conterrâneos que tivessem interesse em adquirir tais propriedades, e obteve sucesso, pois muitos mineiros compraram quase todas as suas posses. No entanto, poucos foram os novos proprietários que se deslocaram de Minas Gerais para povoar estas terras tão distantes e desprovidas de qualquer tipo de infra-estrutura<sup>47</sup>. A falta de interesse na posse de tais terras está vinculada à falta de infra-estrutura e o alto custo, financeiro e por vezes, humano, de tal empreitada. Posteriormente, veremos que fatos históricos como a Guerra do Paraguai contribuirá demasiadamente para o processo de ocupação desta região uma vez que muitos mineiros preferiram aventurar-se nas matas do sertão ao invés de serem obrigados a lutar nesta guerra<sup>48</sup>. Neste primeiro momento, muitos mineiros, passaram a povoar a região ainda que de forma reduzida e dispersa e puderam contribuir para a formação de vários povoados que posteriormente dariam origem a vários núcleos urbanos. Estes ocupantes posseiros para Martins constituem a figura central da Frente de Expansão, já que esta é caracterizada justamente por esse uso privados das terras devolutas sem que estas adquirissem equivalência de mercadoria<sup>49</sup>.

Esta região, neste momento, ainda era conhecida como “sertão desconhecido”, e era coberta por uma vegetação primitiva, formando uma floresta de difícil penetração para colonizadores brancos. Além disso, era povoada por diversas tribos indígenas que eram consideradas uma ameaça para a sociedade tida como

---

45 Com a posse dessas terras, iniciou-se o processo que posteriormente se desenvolveria para apropriação da terra em toda essa região. Em virtude disto, inicia-se um contínuo processo de grilagem constituindo a raiz histórica dos problemas relacionados aos conflitos pela posse da terra típicos da região, e que caracterizam a estrutura agrária brasileira.

46 Tal processo de ocupação pode ser estudado a partir dos trabalhos produzidos por Penço e Monbeig os quais já foram mencionados neste trabalho.

47 Cobra.,op.,cit.,p.32.

48 Cobra.,op.,cit.,p.34.

49 Martins.,op.,cit.,p.767.

“civilizada” na época. Por isso, estas terras apesar de ainda não serem exploradas economicamente devido às contingências históricas, deveriam ser preservadas para uma futura ocupação capitalista.

De forma similar ao que ocorreu no início da ocupação do território brasileiro pelos portugueses, a fatura da terra, a permissividade e o acesso a tais propriedades<sup>50</sup> eram pródigos e denotam de certa forma, os interesses desta sociedade, que num primeiro momento, durante esta frente de ocupação, permitiam a homens desprovidos de grandes posses a iniciativa do processo de ocupação. Tal processo foi violento, pois para estabelecer suas posses, estes pioneiros lutaram e dizimaram muitos índios. Também coube a eles a limpeza da terra, a derrubada e queima das matas, a organização de roças e criação de porcos, como formas de garantir sua subsistência<sup>51</sup>. Conseqüentemente, esta ocupação apesar de voltada para a subsistência, atendeu aos interesses capitalistas de produção, uma vez que, num segundo momento, quando as plantações de café expandiram-se para o interior paulista alcançando o Vale do Paranapanema, já haviam sido construídas uma relativa infra-estrutura, “tanto no que diz respeito ao abastecimento de gêneros alimentícios, com em relação a um considerável trabalho de desmatamento.”<sup>52</sup> Ou seja, os mineiros que foram os primeiros pioneiros da região, facilitaram o caminho para os agricultores que os precederiam, fundando núcleos de povoamento que serviriam de base para a irradiação e o crescimento de outros, as famosas “bocas de sertão”, e as picadas abertas seriam seguidas pela expansão do café em um momento posterior sob os pressupostos da Frente Pioneira.

No entanto, a resistência indígena tem como resposta a repressão de grupos armados tendo o apoio dos grandes proprietários em conjunto com o beneplácito do Estado, que só intervém quando a violência armada já aproxima as tribos ao limite do extermínio e retarda a própria conquista econômica da região<sup>53</sup>. Tanto na primeira quanto na segunda fase de ocupação, a reivindicação principal dos colonizadores foi tomar posse destas terras, e os índios que as habitavam representavam um obstáculo para tal penetração<sup>54</sup>.

Assim, à medida que as terras do Oeste Paulista passam a ser valorizadas como um importante núcleo para a expansão cafeeira, os conflitos pela posse da

---

50 MARCHANT, A. *Do Escambo à Escravidão*. Ed. Brasiliense: RJ: 1980.

51 Penço.,cit.,op.,p.18.

52 Penço.,cit.,op.,p.18.

53 Lima.,op.,cit.,p.54.

54 Lima.,op.,cit.,p.54.

terra tornam-se maiores. É neste momento que se intensificam as expedições para organização de bandeiras armadas, que acabam se tornando um componente estrutural no processo de conquista destas terras<sup>55</sup>. Concomitantemente, com este processo de valorização das terras do “sertão” paulista, acentua-se o problema da propriedade nestas regiões pioneiras. Surge então, na região, o grileiro ou o grilo, como são popularmente conhecidos, os “fabricantes de escrituras”. Estes passam a adquirir fortunas através da falsificação de títulos de propriedades. Dentre eles, podemos citar como exemplo José Teodoro de Souza, que aparece vendendo e alienando várias de “suas propriedades” a terceiros.

Em virtude disso, os pioneiros quando chegavam à região passavam a ser beneficiados por estas práticas ilegais, pois bastava apenas que estes comprassem as glebas dos falsos proprietários para que fossem considerados os legítimos donos das terras, sem qualquer questionamento. Segundo Love, estas artimanhas davam uma aparente legalidade a estas terras. Assim, segundo este autor, a “posse legal” prevaleceu na fronteira pioneira, onde a concepção capitalista de produção, dos direitos de propriedade, acompanhou a integração econômica da área no sistema econômico nacional. Apesar das disputas relativas a títulos de propriedades poderem se arrastar a fio, a fronteira econômica inexoravelmente avança para o oeste, impelindo os plantadores de café.<sup>56</sup>

Segundo Love, esta busca incessante por terras férteis propiciou que a fronteira pioneira avançasse para o oeste incorporando novos espaços, o que gestaria uma reserva segura para o café. Em virtude disso, muitas famílias de fazendeiros compravam terras ainda não cultivadas com o intuito de as utilizarem para operações futuras. Estas, muitas vezes, se localizavam bem longe de suas propriedades originais. Como por exemplo, os Pereiras Barreto, apesar de serem provenientes do Vale do Paraíba, acabaram se tornando pioneiros no desenvolvimento do cultivo do café em Ribeirão Preto, “primeiro município cafeicultor na zona Mogiana, enquanto que os Rodrigues Alves iniciam plantações em São Manuel e Piratininga, nas zonas da Alta Sorocabana e Alta Paulista, respectivamente”.<sup>57</sup> Em virtude disso, a história de Ourinhos está intimamente relacionada a este processo de valorização das terras do Oeste Paulista propiciada pela expansão da cultura do café e da ferrovia. Uma vez que as terras que dariam origem a Ourinhos pertenciam ao território de Salto Grande, conhecidas como Fazenda das

---

55 Cobra.,op.,cit.,p.136.

56 Love.,op.,cit.,p.20.

57 Love.,op.,cit.,p.20.

Furnas, quando ainda desocupadas e cobertas pela vegetação nativa, estas foram no início do século XX adquiridas pela família de D. Escolástica Melchert da Fonseca, esta era uma rica fazendeira que pertencia elite paulista, com o intuito de se tornarem uma importante reserva para uma futura expansão da cultura do café<sup>58</sup>. Além dessa posse longínqua, esta família possuía várias terras nos arredores do estado, bem como na capital, como a fazenda Gavião que posteriormente daria origem à Vila Matilde.<sup>59</sup>

Em 11 de fevereiro de 1910, D. Escolástica vende estas terras para o mineiro Jacintho F. de Sá, que teve as mesmas valorizadas com a chegada de ferrovia e do café durante a Frente Pioneira.<sup>60</sup> Segundo Del Rios, tal venda ocorreu por que D. Escolástica perdeu o marido e a filha e não tinha condições de administrar estas terras tão distantes da capital.<sup>61</sup> Tal venda reflete também o início de um movimento que ocorreria em nosso país e que aumentaria gradativamente com o passar dos anos: a da ascensão social de um outro grupo, vinculado a uma pequena burguesia, que enriqueceria muitas vezes através de meios ilícitos, de negociatas ou de amizades “influentes”.

Tal levantamento documental realizado no cartório de Registro de Imóveis de Ourinhos nos possibilitou analisar a forma como Jacintho F. de Sá foi acumulando uma grande extensão de terras na região transformando-se em um dos maiores proprietário da vila de Ourinhos, quando esta foi elevada a categoria de Município, Jacinto já havia iniciado o processo de loteamentos de suas terras situadas em pontos estratégicos da cidade, conforme pudemos verificar nos documentos cartoriais pesquisados no cartório desta cidade.

Com a chegada da ferrovia, ocorreriam várias transformações nesta paisagem, em especial, o desenvolvimento desta pequena vila chamada de Ourinho, que em 1918, ganharia autonomia política e administrativa, sendo elevada à categoria de Município. A ferrovia trouxe também consigo conseqüências importantes para o

---

58 Estamos buscando documentos cartoriais que nos possibilitem fazer a reconstrução desta propriedade, partindo do pressuposto de que o primeiro dono dessas terras foi o mineiro José Teodoro, ou seja, pela descrição cartorial de sua extensa propriedade contida na obra de Amador Nogueira Cobra, podemos concluir que Ourinhos ainda que de forma imprecisa pertencesse a este território.

59 Conversei com alguns moradores antigos e verifiquei em campo várias dessas homenagens espalhadas por praças e ruas do bairro da Vila Matilde.

60 No entanto, a data do registro é de 18 de fevereiro de 1910, segundo documento retirado do mesmo livro de Rios, op., cit., p.11.

61 Rios.,op.,cit.,p.17.



Oeste Paulista, uma vez que viabilizou a exploração de áreas novas e de solos férteis que antes eram impossíveis devido à falta de conexão do Oeste Paulista com os outros regiões do país, de modo que estas pudessem concorrer vantajosamente com outras regiões do estado de São Paulo, como Campinas ou o Vale do Paraíba, barateando os custos com transportes. Conseqüentemente, “a abertura de enormes fazendas com seus cafezais novos selou a sorte dos cafezais antigos, cuja produtividade física era apenas cerca de 50 a 80%, com relação aos cafezais novos”.<sup>62</sup>

Tal avanço em direção ao Oeste Paulista, propiciado pela expansão da Estrada de Ferro Sorocabana, não contribuiu apenas para a formação de Ourinhos, mas também para outros municípios na região, tais como: Salto Grande(1911), Ipaussu(1915), Platina(1915), Assis(1917), Palmital(1919), Chavantes(1922), Bernardino de Campos(1923), Cândido Mota(1923), Maracá(1924), Paraguaçu(1924) e Quatá(1925).

## 6. Conclusões

A chegada da ferrovia propiciou uma série de mudanças consideráveis no espaço, a começar pela remoção da vegetação original que deu lugar os trilhos e as extensas plantações de café que se expandiam em ritmo acelerado na região, posteriormente, ao redor dos “trilhos” surgiriam dinâmicas que seriam responsáveis pelo surgimento do município. No entanto, acreditamos que seria muito importante considerar em nossa pesquisa os processos anteriores a chegada da ferrovia e do café na região para análise da ocupação no contexto da frente de Expansão e da Pioneira. Conseqüentemente, por meio de tal análise pudemos destacar a importância que a população mineira teve na região e principalmente na própria cidade de Ourinhos. Além disso, as terras que dariam origem ao município faziam parte anteriormente do vasto território “conquistado” por José Teodoro de Souza, no entanto, com os desmembramentos destas em conjunto com uma série de irregularidades estas passaram para as mãos de outras pessoas. D. Escolástica, por exemplo, adquiriu estas terras no início do século XX com o intuito de reservá-las para uma futura expansão do café. Entretanto, as vende para este mineiro empreendedor que consegue obter riqueza e prestígio, e que, por fatos ainda não esclarecidos, consegue com que o prolongamento da Sorocabana passe a privilegiar suas terras. Com estas propriedades valorizadas ele inicia então um novo processo de ocupação através do loteamento de pequenas parcelas de terra que dariam origem ao formato que Ourinhos possui hoje.

---

62 Idem,p.21.

## Referências

ABREU, Mauricio. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras, Geografia I*, Vol. XIV, Porto, 1998.

AIMONE, Thomaz. *Jacarezinho, seus pioneiros, desbravadores e os que labutaram para o progresso desta terra*. Jacarezinho: s/e 1975.

ARRUDA, Gimar. *Cidades e Sertões: Entre a História e a Memória*. 1.ed. EDUSC, Bauru-SP, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. 8 ed. São Paulo:Contexto, 2005.( Repensando a Geografia)

COBRA, Amador Nogueira. *Em um recanto do sertão paulista*.Tip. Hennyes. São Paulo, 1943

CORREIA, Anna Maria Martinez. *Poder local e representatividade político-partidária no Vale do Paranapanema(1920-1930)*. Tese de Livre Docência, Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis, UNESP, 1988.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*.7ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP,1999.

D'AMBRÓSIO, Oscar.(org).*Ourinhos: um século de História*. SP: Noovha América, 2004. ( série conto, canto e encanto com a minha história)

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 11. ed. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.

FRANÇA, Ary.*A marcha do café e as Frentes Pioneiras*. R.J., Conselho Nacional de Geografia, 1960.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: O cotidiano das idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. SP. Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Micro-História: e outros ensaios*. SP. Sociedade e Cultura, 1989.

CUNHA, Fabiana Lopes da. Trilhando Fronteiras: uma análise sociocultural e urbanística de Ourinhos(1920-1950). In: XVII Encontro Regional de História: O Lugar da História, 2004, Campinas. *Anais do XVII Encontro Regional de História: O Lugar da História*. Campinas : ANPUH-SP/UNICAMP, 2004.

CUNHA, Manuela Carneiro da(org.). *História dos Índios no Brasil*. Companhia

- das Letras. Secretaria Municipal da Cultura: FAPESP. São Paulo, 1992.
- HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café*. RJ: Paz e Terra, 1984.
- LEITE, Maria. *Paulistas e mineiros: Plantadores de cidade*. Edart. São Paulo, 1991.
- LIMA, João Francisco Tidei. *A Ocupação da Terra e a Destruição dos índios na Região de Bauru*. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, 1978.
- LOVE, Joseph. *A Locomotiva: São Paulo na federação brasileira 1889-1937*. RJ: Paz e Terra, 1982.
- MARTINS, Jose de Souza. *O Cativo da Terra*. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- \_\_\_\_\_. Sociologia da frente pioneira. *Revista Mexicana de Sociologia*, Vol.35, nº 4(Oct.-Dec.,1973), p. 767-768
- \_\_\_\_\_. *Expropriação e Violência*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A chegada do estranho*. 1.ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Reforma Agrária: o impossível diálogo*. 1.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- MARCHANT, A. *Do Escambo à Escravidão*. Ed. Brasiliense: RJ: 1980
- MASSEI, Roberto Carlos. *As inovações tecnológicas e o ocaso dos oleiros. A mecanização das olarias em Ourinhos - 1950 - 1990*. Ourinhos 01/10/2001. Dissertação de Mestrado. PUC/SP/História. 01/10/2001.
- MAZZOCO, Maria Inês Dias. *De Santos a Jundiá: nos trilhos do café com a S. Paulo Raiwan*. Editora Cultural, 2005.
- MOMBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. SP: Hucitec, 1984.
- PENÇO, Célia de Carvalho Ferreira. *A "Evaporação das Terras Devolutas" No Vale do Paranapanema*. Tese de doutoramento, FFLCH, USP, SP, 1980.
- PEREIRA, Rodrigo Octávio Torres. *Jacarezinho: Súmula Histórica*. Jacarezinho: s/e, s/d.
- PINHEIRO, Niminon Suzel. *Etnohistória Kaingang e seu contexto: São Paulo, 1850-1912*. Dissertação de Mestrado, FCL, UNESP/Assis, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Conquista, colonização e Indigenismo: Oeste Paulista, 1912-1967*. Tese de Doutorado, FCL/UNESP-Assis, 1999.

RIOS, Jefferson Del. *Ourinhos: memórias de uma cidade paulista*. Ourinhos: Prefeitura Municipal de Ourinhos, 1991.

SAMPAIO, Theodoro F. *Exploração dos Rios Itapetininga e Paranapanema*. RJ: Imprensa Nacional, 1889.

SANTOS, Milton. *Pensando o Espaço do Homem*. 5. ed.-São Paulo:Ed USP, 2004.

SARAIVA, Fernanda Romero & MORAES, Rosemary Reginato de. *Um espaço para lembrar de Ourinhos*. Prefeitura Municipal de Ourinhos: Ourinhos, 2004.

### **Documentação e acervos:**

- Acervo pessoal do prof. Norival Vieira da Silva
- Biblioteca Municipal *Tristão de Athayde*
- Cartório de Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Ourinhos-SP.
- CEDAP- Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa
- Jornal *A Voz do Povo*
- Jornal *O Estado de São Paulo*
- Instituto Geográfico e Cartográfico
- Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos
- Prefeitura Municipal de Ourinhos.